



# O estilo de Coelho Neto em *Miragem* e a crítica literária brasileira: uma verificação estilométrica

*Coelho Neto's style in Miragem and brazilian literary criticism: a stylometric verification*

Daniel Lopes<sup>(a)</sup>; Emanuel Cesar Pires de Assis<sup>(b)</sup>

<sup>a</sup> Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), MA, Brasil – daniellopesuema@gmail.com

<sup>b</sup> Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), MA, Brasil – emanoel.uema@gmail.com

**Resumo:** Este artigo analisa as características do estilo de Coelho Neto em *Miragem* (1895). Faz uma reanálise das enunciações da crítica literária brasileira sobre a diversidade vocabular, a riqueza lexical e o uso de adjetivos, verbos e advérbios no estilo do autor. Para tanto, utilizamos a estatística textual computadorizada, denominada também de estilometria literária. A fim de compararmos, ainda, o estilo de Coelho Neto com o estilo dos escritores realista-naturalistas, juntamos *Miragem* aos romances *O Cortiço* (1890), *Bom-Crioulo* (1895) e *Dom Casmurro* (1900), respectivamente de Aluísio Azevedo, Adolfo Caminha e Machado de Assis, contemporâneos de Coelho Neto. Os dados do *corpus* foram retirados da ferramenta de estatística textual computadorizada *Hyperbase*. Dos resultados obtidos, analisamos a diversidade do vocabulário e a riqueza lexical nas obras por meio das ocorrências de *hápax*, as ocorrências de adjetivos e de adjetivo seguido de adjetivo, as ocorrências de verbos, as ocorrências de advérbios e, por fim, fizemos uma análise fatorial de classes gramaticais no *corpus*. As leituras quantitativas e qualitativas, a partir de uma verificação estilométrica comparativa, bem como da fortuna crítica do autor, comprovaram a diversidade do vocabulário, a riqueza lexical e apontaram que o uso de adjetivos, verbos e advérbios no estilo de Coelho Neto não é tão exagerado, como enuncia a crítica especializada, principalmente se comparado aos estilos de Azevedo, Caminha e Assis, que apresentaram características estilísticas similares ao estilo do autor de *Miragem*.

**Palavras-chave:** Coelho Neto. *Miragem*. Estilo. Estatística textual computadorizada (estilometria). Crítica literária brasileira.

**Abstract:** This article analyzes the characteristics of Coelho Neto's style in *Miragem* (1895). It re-analyzes the claims made by Brazilian literary critics on the vocabulary diversity, lexical richness and the use of adjectives, verbs and adverbs in the author's style. To achieve this, we used

computerized text statistics, also known as literary stylometry. In order to compare Coelho Neto's style with that of realist and naturalist writers, we have added *Miragem* to the novels *The Tenement* (1890), *Bom-Crioulo: The Black Man and the Cabin Boy* (1895) and *Dom Casmurro* (1900), by Aluísio Azevedo, Adolfo Caminha and Machado de Assis respectively, contemporary writers of Coelho Neto. The *corpus* data were taken from the computerized textual statistics tool *Hyperbase*. From the results obtained, we analyzed the vocabulary diversity and lexical richness of the novels through the occurrences of *hapax*, the occurrences of adjectives and an adjective followed by another adjective, the occurrences of verbs, the occurrences of adverbs and, finally, we carried out a factor analysis of the grammatical classes in the *corpus*. The quantitative and qualitative readings, based on comparative stylometric verification, as well as the author's critical fortune, confirmed the diversity of the vocabulary, the lexical richness and showed that the use of adjectives, verbs and adverbs in Coelho Neto's style is not as exaggerated as claimed by specialized literary critics, especially when compared to the styles of Azevedo, Caminha and Assis, who presented stylistic characteristics similar to the style of *Miragem*'s author.

**Keywords:** Coelho Neto. *Miragem*. Style. Computerized text statistics (stylometry). Brazilian literary critics.

## Coelho Neto e *Miragem*: o que enuncia a crítica literária brasileira?

Em uma rápida leitura nos manuais de literatura brasileira<sup>1</sup>, o leitor da obra de Coelho Neto percebe que a crítica literária enuncia algumas características sobre o estilo do autor de *Miragem*, romance publicado em 1895, no período do realismo-naturalismo, mesmo o escritor não aderindo, ortodoxamente, ao estilo dessa escola.

Sobre tais estudos, são elucidativos o ensaio de Broca (1981) e as leituras de Bosi (2013), que não só fazem uma crítica justa ao autor, mas também são os que aferem as principais características do estilo e dos romances urbanos de Coelho Neto.

A prolixidade, o uso exagerado de verbos, adjetivos, advérbios e a riqueza lexical são aspectos que, segundo a crítica especializada, caracterizam a sua escrita.

<sup>1</sup> Alfredo Bosi (2013); Brito Broca (1981); Herman Lima (1958), e outros.

A respeito da expressividade linguística de Coelho Neto, Medeiros e Albuquerque, crítico contemporâneo do romancista, citado em Broca (2005), a considera desapropriada para o entendimento da maioria do público leitor. O escritor ficou na “literatura para raros”, segundo Antônio Soares Amora (1963), que nasceu no período em que o autor produzia, pois o seu virtuosismo estilístico só lhe permitia ser lido por representantes que pertenciam a uma aristocracia intelectual.

Ainda sobre os aspectos da linguagem coelhonetiana, Nelson Werneck Sodré (1982 *apud* Maydana, 2010, p. 59), crítico mais atual, profere que “a linguagem é o meio e que não deve ter um papel além desse nível”, “ela não é a literatura”, mas o caminho para se chegar à literatura, a linguagem, embora tenha relevância fundamental na produção de um autor, não deve ser vista como o aspecto principal da sua obra. Em outras palavras, ainda que tivesse fundamental importância para Coelho Neto, a linguagem não deveria ser vista como fator mais importante da sua produção literária.

Há dois polos estanques na linguagem, segundo Candido e Castello (1979 *apud* Maydana, 2010, p. 56), um é beneficiar a “criação da atmosfera na mente do romancista”, o outro é fazer com que o artista seja conduzido à “preocupação dominante do vocábulo raro, acumulado em demasia”, conferindo, certamente, “sobrecarga no nível frasal” e, também, “textual”. Desse modo, para esses críticos, há um “aportuguesamento” no estilo do autor de *Miragem* que o prende “à tradição de prosadores seiscentistas” (Candido e Castello 1979, p. 232 *apud* Maydana, 2010, p. 56).

Haja vista que Coelho Neto, entretanto, tenho sido o escritor mais lido do Brasil, o que gera controvérsias sobre a receptividade da linguagem da sua obra literária, pois enquanto há críticos que a aceita, outros a repudia no âmbito da literatura brasileira.

Em plena agitação do universo literário da *Belle Époque* carioca, as revistas *Fon-fon*, *Phoenix* e *O Malho*, mais importantes da época, realizaram concurso entre os anos de 1925 e 1928. O romancista recebe o título de Príncipe dos Prosadores Brasileiros em três ocasiões, o que aponta a aceitação do autor tanto pela comissão de escritores, quanto pelo público leitor. Sobre isso, os 19. 556 votos populares na *Fon-fon* expressam, ao menos para aqueles anos, o lugar de Coelho Neto junto à recepção crítica literária (Coelho Neto, P., 1942, p. 75). Nesse sentido, Bosi (2013, p. 211) reconheceu que o escritor “parecia talhado a propósito para polarizar as características de gosto que soem atribuir ao leitor culto médio da Primeira República”.

Esse apreço pelo estilo de Coelho Neto, entretanto, foi-se com o tempo, esmaecendo e se contrapondo ao julgamento de valor estético da crítica literária, ou de grande parte dela. A adesão a uma escola literária, isto é, a uma “doutrina estética”, para usarmos o termo de Bosi (2013, p. 211), foi uma das querelas da crítica e, principalmente, dos modernistas. Em resposta aos críticos, o escritor, certa vez, pronunciou-se com este argumento destacado por Eliezer Bezerra (1982, p. 10):

Querem que eu modifique o meu vocabulário, e que eu escreva como fulano ou sicrano; mas, se o meu estilo é este, se foi nele que escrevi a minha obra; se for ele que me dá uma individualidade, como se pode compreender que eu o repudie, adotando outro? Camilo tinha o seu modo de escrever, Euclides o seu. Eu tenho o meu. Estou no meu direito.

Para alguns, os procedimentos estético-literários usados por Coelho Neto qualificam as personagens e o enredo da obra como um todo, é o caso da descrição por meio dos adjetivos; para outros, uma afetação que causa problemas à sua obra, o que dificulta as leituras e a compreensão do leitor moderno sobre as temáticas dela, ou seja, o conteúdo fica subjacente à forma, o que estaria explicitado na prolixidade, na verbosidade, no léxico rico e diversificado, nos vocábulos raros e preciosos.

Ainda que certas obras literárias em gêneros distintos escritas por ele não apresentem, estritamente, esse perfil de linguagem apontado pela crítica, principalmente os romances urbanos *A Capital Federal* (1893), *Miragem* (1895), *Inverno em Flor* (1897), *O Morto* (1898), *A Conquista* (1899), *Tormenta* (1901), *Turbilhão* (1906) e *Rei Negro* (1914), algumas crônicas e outros contos dispersos da tríade sertaneja contista *Sertão* (1895), *Treva* (1905) e *Banzo* (1912), por exemplo, há em alguns textos, segundo a parcela maior dos críticos, um aportuguesamento no seu estilo enraizado na tradição dos prosadores seiscentistas, uma diversidade vocabular e riqueza lexical (Netto, 1958; Broca, 1981; Niskier, 2010) e uma ocupação excessiva pelo uso de adjetivos, verbos e advérbios terminados em *-mente* (Bosi, 2013).

Este artigo analisa, portanto, essas características do estilo de Coelho Neto em *Miragem* (1895). Faz uma reanálise das enunciações da crítica literária brasileira, de modo a confirmar, refutar ou ampliar o que se tem falado sobre o estilo coelhonetiano no âmbito literário. Para tanto, utilizamos a estatística textual computadorizada, denominada também de estilometria literária<sup>2</sup>, como método de ler e analisar, de modo quantitativo e qualitativo, através de *softwares* focados na estatística textual e no trabalho de interpretação do pesquisador analista, obras literárias em meio digital.

A fim de compararmos, ainda, o estilo de Coelho Neto com o estilo dos escritores realista-naturalistas, juntamos *Miragem* aos romances *O Cortiço* (1890), *Bom-Crioulo* (1895) e *Dom-Casmurro* (1900), respectivamente de Aluísio Azevedo, Adolfo Caminha e Machado de Assis, contemporâneos de Coelho Neto. Os dados do *corpus* foram retirados por meio das funções

---

<sup>2</sup> No Brasil, pesquisas dessa natureza são denominadas de estudos estilométricos, estilometria ou estilometria literária. Fazem parte, também, daquilo que vem sendo conceituado recentemente como *distant reading* (leitura distante) – métodos digital-estatísticos de análise literária, abordados, no país, por professores como Emanuel Pires, Cláudia Freitas, pesquisadora profícua na área, e outros.

que a ferramenta *Hyperbase*, focada na estatística textual computadorizada, oferece-nos.

Dos resultados obtidos, analisamos a diversidade do vocabulário e a riqueza lexical nas obras por meio das ocorrências de *hápax*, as ocorrências de adjetivos e de adjetivo seguido de adjetivo, as ocorrências de verbos, as ocorrências de advérbios e, por fim, fizemos uma análise fatorial de classes gramaticais no *corpus*.

As leituras quantitativas e qualitativas realizadas neste estudo, a partir de uma verificação estilométrica comparativa, bem como da fortuna crítica coelhonetiana, comprovaram a riqueza lexical, a diversidade vocabular e apontaram que o uso de adjetivos, verbos e advérbios no estilo de Coelho Neto em *Miragem* não é tão exagerado, como enuncia a crítica especializada, principalmente se comparado aos estilos de Azevedo, Caminha e Assis, em *O Cortiço*, *Bom-Crioulo* e *Dom Casmurro*, que apresentaram características estilísticas similares ao estilo do autor de *Miragem*.

### **Procedimentos metodológicos para criar um *corpus* literário no Hyperbase**

Os procedimentos metodológicos quali-quantitativos para a criação do *corpus* literário incluem: escolha dos textos, revisão, adequação gráfica e/ou limpeza textual, atualização e comparação com as obras literárias em formato impresso. A padronização da grafia evita erros que possam estar associados às obras de edições ou grafias da língua portuguesa diferentes, o que permite um melhor tratamento dos textos<sup>3</sup>. Durante esse processo, é válido lembrar que preservamos o estilo/a estilística dos autores.

---

<sup>3</sup> *Miragem*, de Coelho Neto, era uma edição em português não atualizado, pois os livros do escritor são raros, encontrados apenas em edições da Lello & Irmão ou da Livraria Chardron, editoras de Portugal já extintas, que eram exclusivas do autor. Por isso a importância de revisar e atualizar obras raras para o português brasileiro moderno e, depois, disponibilizá-las para leitura em sítios virtuais.

Em seguida, foi realizada a inserção, em formato digital e html, dos textos *Miragem* (1895), de Coelho Neto, *O Cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo, *Bom-Crioulo* (1895), de Adolfo Caminha, e *Dom Casmurro* (1900), de Machado de Assis, na ferramenta de estatística textual computadorizada *Hyperbase*<sup>4</sup>. A partir disso, o analista aciona as funções desejadas e obtém os resultados estatísticos do *corpus* gerados pelo programa digital, cabendo-lhe, depois, a função de ler e interpretar os dados quantitativos mostrados pelos gráficos e/ou histogramas, conforme os objetivos da pesquisa, interpretando-os de modo quali-quantitativo, com a leitura da obra, a partir de seus conhecimentos linguísticos e extralinguísticos sobre o objeto literário, guiado, sempre que necessário, pelas enunciações da crítica e/ou da teoria literária, de modo a refutar, confirmar, reafirmar ou ampliar as “certezas” de tais estudos.

A base textual apresenta 312. 316 ocorrências (N) e 23. 815 formas/vocábulos (V). Forma é qualquer unidade encontrada no texto, sejam palavras ou sinais de pontuações. Ocorrências são, de modo geral, todas as unidades do texto, refere-se às formas, bem como às suas repetições. O *corpus* analisado tem as seguintes características:

**Tabela 1** – número de ocorrências e formas/vocábulos em cada romance no *corpus*

Textos	Ocorrências	Formas	Abreviação
O Cortiço	101. 040	11. 203	CORTI
Bom-Crioulo	47. 614	7. 096	CRIOL
Miragem	81. 019	11. 072	MIRA

---

Todas as obras que compõem o *corpus* de análise estão em domínio público, foram retiradas e podem ser encontradas e lidas em formato digital e html na Biblioteca Digital da Literatura Maranhense (<https://literaturamaranhense.ufsc.br/>).

<sup>4</sup> O software “é um programa desenvolvido pelo professor Étienne Brunet e sua equipe de linguistas e programadores, no laboratório Bases, Corpus, Langage (BCL) da Universidade da Nice, na França” (Cúrcio, 2013, p. 19). Hoje, essa ferramenta digital se encontra disponível na versão on-line em <https://hyperbase.unice.fr/>. Além do francês, o programa faz análises de textos em português, inglês, alemão, italiano, espanhol e russo.

Dom Casmurro	82. 643	8. 688	DOMC
--------------	---------	--------	------

Fonte: os autores e Hyperbase.

Como podemos notar na tabela acima, os textos do *corpus* apresentam ocorrências e formas distintas. Em outras palavras, as obras em análise têm extensões textuais diferentes. É importante sublinhar esse detalhe porque, no *Hyperbase*, o cálculo estatístico do dado investigado não se dá apenas conforme a quantidade de vezes e/ou frequência que determinada forma (unidade do texto: palavras, sinais de pontuação, vocábulos gramaticais – preposições, conjunções, pronomes – e não gramaticais – substantivos, adjetivos, verbos, advérbios, etc.) aparece, o que poderia gerar erros, dúvidas ou controvérsias sobre os dados e os resultados obtidos se fosse levado em consideração a proporção das palavras ou outros elementos textuais presentes no *corpus*.

No caso da nossa pesquisa, o que estamos explicando é que as formas adjetivos, verbos e advérbios, por exemplo, estão intrinsecamente relacionadas com a extensão vocabular e textual de cada obra. Desse modo, para nos dar resultados confiáveis, o *Hyperbase* gera os dados a partir do cálculo do desvio padrão em relação ao *corpus*, ou seja, cada dado estatístico gerado de uma determinada obra literária investigada decorre da extensão textual dessa obra em relação à base textual como um todo.<sup>5</sup>

### **O estilo de Coelho Neto em *Miragem* e a crítica literária brasileira: uma verificação estilométrica**

A partir das enunciações da crítica literária brasileira sobre a diversidade vocabular e a riqueza lexical de Coelho Neto, buscamos nas obras literárias, com o auxílio do *Hyperbase*, os dados de ocorrências de

<sup>5</sup> Para informações mais detalhadas sobre como as funcionalidades do programa, bem como suas especificidades conferir Brunet (2012).

Riqueza Lexical<sup>6</sup> (gráfico 1) e os dados de ocorrências de *Hápx* (tabela 2 e gráfico 2) no *corpus*. O método de verificação de *hápx*, na estilometria literária, mesmo não sendo o único, é bastante usado para saber a riqueza lexical de um escritor. Esse índice indica as palavras de frequência 1 na base textual, que diz respeito à variedade do vocabulário ou evolução da escrita de um autor.

Segundo Paiva (2013, p. 31), “a ideia de estudar palavras que aparecem apenas uma vez mantém-se até hoje como importante indicador de riqueza vocabular, podendo ser associado à evolução do escritor em relação ao domínio da linguagem”. Em termos estatísticos, a riqueza lexical se relaciona exclusivamente ao fator quantitativo (Freitas, 2007). Contudo, pode se relacionar, também, com os fatores estilísticos e linguísticos, isto é, ser influenciada por esses aspectos (Cúrcio, 2013).

No *corpus* literário da nossa pesquisa, *Miragem* (com quase 4.000 *hápx*) destaca-se, de fato, quanto à riqueza e variedade do vocabulário, pois os dados achados apontam para um número de vocábulos novos e diversificados, o que confirma a leitura da crítica sobre o léxico de Coelho Neto, quando diz que a sua “prosa apresenta características parnasianas, como a busca por um refinamento estilístico, uma busca por novos vocábulos – só a longos intervalos é que o autor usava a mesma palavra” (Mendes; Ignácio, 2010, p. 1). Em uma verificação estilométrica comparativa, vejamos a tabela e os gráficos<sup>7</sup> gerados pelo programa:

<sup>6</sup> A riqueza lexical é a “medida estatística que se baseia na relação do número de palavras repetidas e diferentes de um mesmo texto e o número total de palavras que o compõem” (Cúrcio, 2013, p. 84). No que se refere à nossa base textual, essa noção se relaciona à “razão entre o número de palavras diferentes (vocábulos ou formas) e o número total de palavras (ocorrências)” (Cúrcio, 2013, p. 84). Desse modo, podemos deduzir, ainda de acordo com Cúrcio (2013, p. 84), “que quanto maior o número de vocábulos novos, maior será a riqueza e a variedade do vocabulário a ser estudado, caso contrário, mas repetitivo e restrito será o texto”.

<sup>7</sup> A frequência dos dados de ocorrências no *corpus* aparece à direita dos gráficos na barra de cor amarela.

Tabela 2 – Riqueza lexical, vocábulos e *hárpax* no *corpus*

Riqueza Lexical	Nº de Vocábulos	Nº de Hápax	Percentual de Hápax	Romances
1º	11. 072	3. 954	35,71%	<b>MIRA</b> (1895)
2º	11. 203	3. 574	31,90%	<b>CORTI</b> (1890)
3º	8. 688	2. 608	30,02%	<b>DOMC</b> (1900)
4º	7. 096	1. 859	26,20%	<b>CRIOL</b> (1895)

Fonte: os autores e Hyperbase.

O *Cortiço* (3. 574), *Dom Casmurro* (2. 608) e *Bom-Crioulo* (1. 859) indicam, também, que esses escritores têm um rico léxico, bem como um número significativo de vocábulos novos e diversificados. Em verdade, do vocabulário/das formas (23. 815) presentes na base textual, 11. 995 são *hápax*, ou seja, quase metade do vocabulário no *corpus* não se repete, o que em termos estilísticos e linguísticos demonstra muita habilidade dos escritores brasileiros na composição dos seus romances. Entretanto, quando comparados ao estilo de Coelho Neto, este se sobressai quanto à riqueza lexical e *hápax* mostrados pelo *Hyperbase*.

Sobre isso, chamavam-lhe de “rebuscador de palavras difíceis, eternamente debruçado sobre os dicionários” (Netto, 1958, p. 99). Esse aspecto pode ser explicado pela riqueza lexical do autor de *Miragem*, como bem mostra, em números, a partir de leituras qualitativas e quantitativas mais convencionais, o seu filho biógrafo:

Queriam que um homem dotado de extraordinária cultura e assombrosa imaginação, possuindo o mais rico vocabulário da língua portuguesa, calculado em 20.000 palavras, escrevesse como alguns “gênios” lançados pelas catapultas modernistas, que tinham como mestres, na técnica de repetição, papagaios aliteratados (Netto, 1958, p. 99-100).

Ao perceber que a crítica, principalmente os modernistas, condenava o estilo coelhonetiano, Paulo Coelho Netto (1958) justificava as

características estilísticas do escritor a partir do seu rico vocabulário, que, consciente ou inconscientemente, fazia com que o prosador carioca escrevesse de forma rebuscada, usando vocábulos incomuns e, até mesmo, palavras arcaicas fora dos padrões da linguagem moderna.

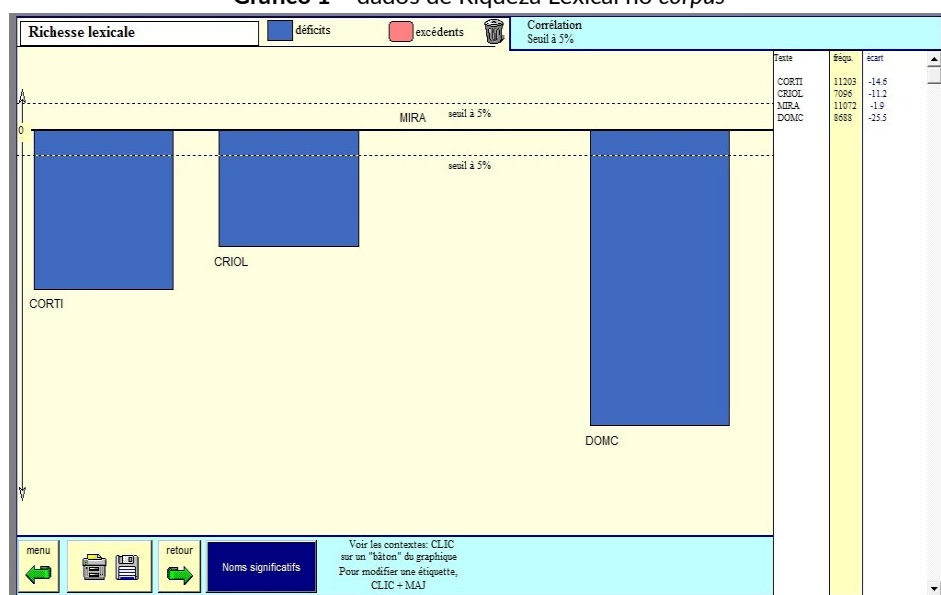
Haja vista que o ideal estético modernista contribuiu bastante para o descrédito do trabalho de Coelho Neto, o que só endossou as críticas negativas sobre a sua obra, pois “os modernistas que defendiam e valorizavam uma linguagem mais simples, mais direta, acabaram por reprovar o que, para Coelho Neto, era uma prática muito comum” (Martins, 2014, p. 31).

Os modernistas, representantes e renovadores da cultura, negaram não só Coelho Neto, mas também Castro Alves, Álvares de Azevedo e José Alencar, bem como todos os românticos e os naturalistas (Broca, 1981). Entretanto, o principal alvo dessa campanha de descrédito, na literatura brasileira, parece ter sido Coelho Neto.

Arnaldo Niskier (2010, n.p.), em *Coelho Neto e a modernidade*, destaca que “o modernismo o condenou como representante do passadismo, acusado de afetação, palavreado rebuscado e enfático, abuso de termos incomuns, prolixidade e helenismo”. Além disso, Niskier (2010, n.p.), ao comungar com os comentários do crítico Wilson Martins e do escritor Guimarães Rosa, reconhece que “a vitória do modernismo se fez como se houvesse a necessidade de abater um grande inimigo, no caso, Coelho Neto”.

A seguir, temos, para uma melhor visualização, o gráfico dos dados de riqueza lexical dos escritores no *corpus*:

Gráfico 1 – dados de Riqueza Lexical no corpus



Fonte: Hyperbase.

No gráfico, há uma margem de 5% de tolerância<sup>8</sup> (margem de erro), a obra literária que transcende essa margem, barras vermelhas<sup>9</sup>, é considerada como excedente, já as barras azuis apresentam déficit sobre o dado buscado no *corpus*.

Ainda que não totalmente ultrapassada, *Miragem*, de Coelho Neto, próxima à margem, indica que a riqueza lexical do autor, quando comparada à riqueza lexical de Azevedo, em *O Cortiço*, Caminha, em *Bom-Crioulo*, e Assis, em *Dom Casmurro*, é positiva e superior. Isso nos permite reafirmar, baseados em dados quantitativos e em leituras qualitativas sobre a fortuna crítica coelhonetiana, que o romance de Coelho Neto traz,

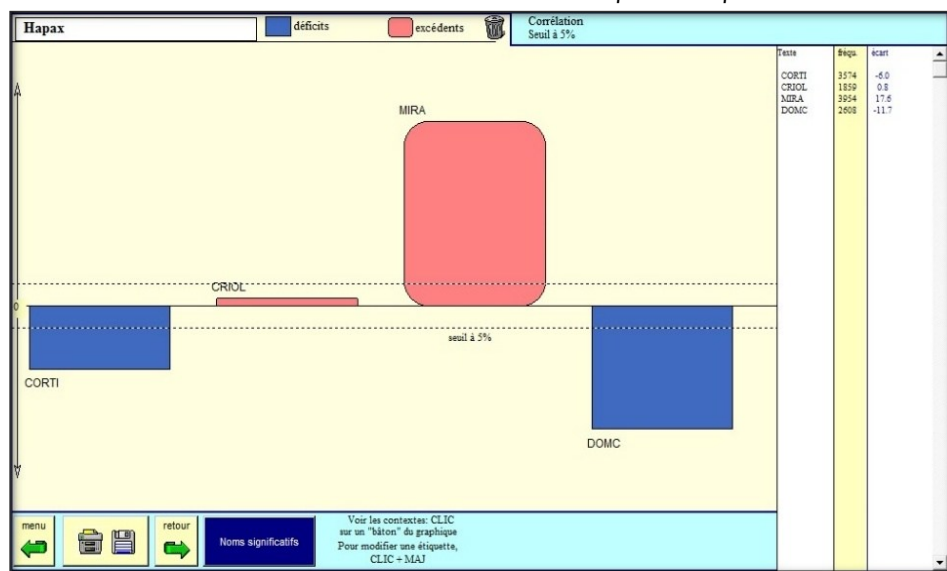
<sup>8</sup> O termo *seuil à 5%*, conforme Edumetrie, citado em Cúrcio (2013, p. 87), “designa a expressão numérica de um critério e constitui um tipo de base localizada em uma escala ordenada de resultados”.

<sup>9</sup> Nesse primeiro gráfico, a barra vermelha, indicando que a obra excedeu a margem de tolerância, ainda não é visível, como mostrará outros dados dos gráficos posteriores. Entretanto, já nesse gráfico dos dados de riqueza lexical, é possível ver *MIRA*, de Coelho Neto, próximo à linha de tolerância.

em sua composição estilística, vocabulários novos e variados, sem a possibilidade de muita repetição no texto.

Para tirarmos a prova dos nove, pedimos ao *Hyperbase* um histograma com a contagem das ocorrências e análise de *hápax* no *corpus*, uma forma de ilustrar melhor em quais romances a renovação de vocabulário é mais intensa e frequente. Vejamos:

Gráfico 2 – dados de ocorrências de *Hárpax* no *corpus*



Fonte: Hyperbase.

*Miragem* ultrapassou, de forma significativa, a margem de tolerância, seguida por *Bom-Crioulo*, *O Cortiço* e *Dom Casmurro*, que, em termos de *hápax*, também apresentaram renovação no vocabulário de seus autores, porém, em número inferior à diversidade vocabular e à riqueza lexical do estilo de Coelho Neto.

Vale, desse modo, uma explicação dessas características levantadas: *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, é o maior romance em termos de extensão de vocabulário, mas perde em riqueza lexical e *hápax* para *Miragem*, de Coelho Neto, segundo romance maior em extensão vocabular. *O Cortiço*

perde, de igual modo, em *hápax*, para *Bom-Crioulo*, de Adolfo Caminha, menor obra em extensão vocabular, que excede não só o romance de Azevedo, mas também *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, terceiro maior romance em extensão de vocabulário no *corpus*.

Isso sustenta não só as nossas análises, mas também as ideias de Cúrcio (2013, p. 85), quando, sobre a riqueza lexical e *hápax*, explica:

A riqueza contabilizada não deve ser confundida com nenhum juízo de valor, pois se trata de um elemento da estrutura do texto, correspondendo única e exclusivamente a dados quantitativos, e que carrega em si traços estilísticos. Um elemento que se relaciona diretamente com o conceito de riqueza lexical é o *hápax legonema*, ou seja, as palavras de um *corpus* que têm apenas uma ocorrência influenciam no resultado da riqueza lexical, e a proporção desses vocábulos não depende apenas de características estilísticas ou linguísticas diretamente, mas também do comprimento dos textos.

A partir dessas considerações sobre as ocorrências de *hápax* no *corpus*, junto aos dados de riqueza lexical, podemos afirmar que a obra literária menos repetitiva, isto é, mais diversificada e renovada em léxico e vocábulo é *Miragem*, seguida de *Bom-Crioulo*, *O Cortiço* e *Dom Casmurro*. Nesses dados analisados, Coelho Neto, comparado estilometricamente com seus contemporâneos realista-naturalistas, tem vocabulário mais rico e variado do que Aluísio Azevedo, Adolfo Caminha e Machado de Assis, seu romance *Miragem* é o texto com vocabulário menos restrito e repetitivo.

A expressão linguística e literária do autor foi discutida também por Brito Broca (1981). Segundo o crítico, o estilo “opulento” e “luxuriante” de Coelho Neto causava uma repulsa que poderia ser explicada na “pobreza de expressão de grande parte dos nossos escritores modernos, principalmente romancistas, com vocabulários e sintaxes restritas, forjando com dificuldade seu instrumento verbal” (Broca, 1981, p. 196). Das acusações a respeito do estilo literário do escritor, **abuso de palavras**

**difíceis e pouco usadas, a prolixidade e o predomínio da forma sobre o fundo**<sup>10</sup>, Broca (1981, p. 196-97) as examina e, sobre a primeira crítica, dá-nos estas explicações:

De fato, Coelho Neto leva isso, por vezes, ao excesso, à afetação; mas, de maneira geral, sobretudo em alguns dos seus romances, tais exageros não são orgânicos. Também em Euclides da Cunha a preocupação de escrever difícil se torna frisante, o número de palavras desusadas avulta, sem que o estilo sofra na estrutura íntima. E que dizer, então, de Fialho? Que dizer de um Malheiros Dias?

Sobre a prolixidade, Coelho Neto reconhecia que deveria se poupar do uso excessivo de palavras em algumas obras. Algum dia o escritor pretendia realizar esse trabalho. Entretanto, essa tarefa, segundo o crítico, não era necessária em *Turbilhão*, *Miragem* e *O Morto*, nem em alguns outros romances, cuja preocupação era de somenos importância. O escritor, na verdade, encontrou uma crítica mais favorável em Portugal do que no Brasil. Lá, “ninguém se espanta com a riqueza léxica de um Camilo, a exuberância de um Fialho, o preciosismo de um Aquilino Ribeiro” (Broca, 1981, p. 197).

Ainda de acordo com Broca (1981, p. 198), Gaspar Simões considera “Coelho Neto, estilista, um dos nossos campeões do nosso romance objetivo, ao lado de Eça, Machado de Assis e Malheiro Dias”. O crítico ressalta que causa estranheza acusarem tanto o preciosismo de Coelho Neto, mas não se lembrarem de um estilo precioso de João Guimarães Rosa, em *Sagarana*, nem do imaginoso barroco de José Geraldo Vieira. No que concerne aos achados da nossa pesquisa, outra questão deveria ser o preciosismo ou a diversidade vocabular significativa encontrada, a partir dos dados de *hápax*, em *Bom-Crioulo*, romance de Caminha, que, bem sabemos, os manuais de literatura brasileira não falam sobre ou esqueceram de mencionar algo a esse respeito.

---

<sup>10</sup> Essa crítica à obra de Coelho Neto será retomada posteriormente.

Levantadas essas discussões, cabe um questionamento, a riqueza lexical verificada em *Miragem* (1985) poderia ser encontrada em outros romances urbanos escritos por Coelho Neto?

Em *Compilação, Anotação e Análise Linguística-computacional do Corpus Coelho Neto, um corpus de textos literários dos sécs. XIX e XX*, Martins (2014), em uma análise quantitativa e qualitativa, a partir da Linguística de Corpus e da Linguística Computacional, aponta a riqueza lexical e a diversidade vocabular em alguns capítulos do romance *Turbilhão* (1906) e alguns contos do livro *Sertão* (1895). Sobre o uso demasiado de verbos, adjetivos e advérbios em *-mente* declarado pela crítica, esse dado não procede, pois, quando comparados aos textos de Machado de Assis, Aluísio Azevedo e Camilo Castelo Branco, o *corpus* de contraste, os textos de Coelho Neto apresentam riqueza e variação vocabular similar aos textos daqueles autores.

José Veríssimo (1936) foi o crítico que deu as coordenadas para a crítica brasileira da posteridade sobre a recepção da obra do autor, tanto no plano da forma, quanto no plano do conteúdo. Apoiado ao “caráter nacionalista”, Veríssimo considerou ser falsa a obra coelhonetiana, afirmando que o escritor produzia “obras inautênticas e subservientes à moda europeia, incapazes de darem conta do elemento nacional” (1936, p. 161-162 *apud* Venturelli, 2009, p. 46). Ao analisar *Miragem*, Veríssimo (1901) é energético e conclui: “creio, pois, não aventurar muito dizendo que o Sr. Coelho Neto será talvez dos novos escritores um dos poucos com quem nossas letras, no gênero que ele cultivava, poderão contar” (1901, p. 244 *apud* Venturelli, 2009, p. 46).

Em uma leitura oposta, Bosi (2013) diz que *Miragem* é, até certo ponto, um romance feliz, o crítico só penaliza a recaída de Coelho Neto nos usos de adjetivos, verbos e advérbios, o que lembra o velho estilo romântico de José

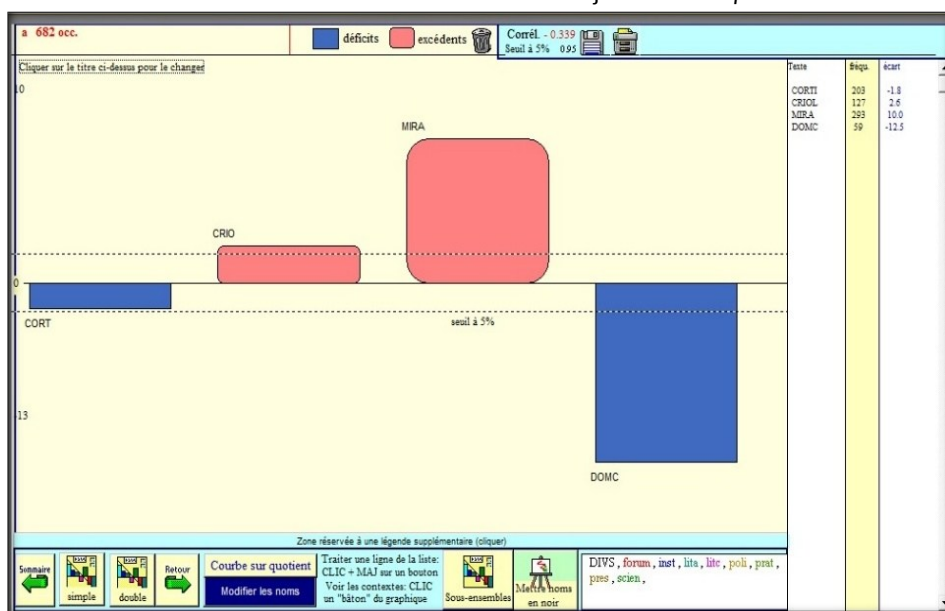
de Alencar. A crítica à descrição detalhista do estilo coelhonetiano, conforme Murari (2011, p. 26), inicia-se com a carreira de Coelho Neto como escritor:

Desde o início de sua profusa carreira, foram frequentes as admoestações ao autor acerca de seu estilo superabundante e imaginoso, da excentricidade de sua prosa oblíqua, seduzida por uma imagem estetizada do Oriente, da Grécia Antiga, das paisagens nórdicas, por uma panóplia de referências mitológicas, literárias, bíblicas, pelo vocabulário raro, arcaizante e lusitanizante, pelo fraseado sinuoso, pelo descritivismo detalhista e extenuante.

A partir dessas enunciações, analisamos, ainda no *corpus*, as ocorrências de adjetivos (gráfico 3), as ocorrências de adjetivo seguido de adjetivo (gráfico 4), as ocorrências de verbos (gráfico 5), as ocorrências do verbo “chalar” (gráfico 6), as ocorrências de advérbios (gráfico 7) e, por fim, as ocorrências de classes gramaticais (gráfico 8).

Com o objetivo de analisar se o que uma parcela da crítica aponta sobre o estilo de Coelho Neto, no que diz respeito ao uso de adjetivos, pode ser confirmada a partir dos dados estatísticos, verificamos a disposição dessa classe de palavra em *Miragem* e nos outros romances confrontados. As obras, no *Hyperbase*, comportaram-se deste modo:

Gráfico 3 – dados de ocorrências de Adjetivos no corpus



Fonte: Hyperbase.

O gráfico acima aponta exatamente aquilo que Bosi (2013) comenta sobre o estilo de Coelho Neto e o uso de adjetivos, ou seja, que o escritor, no romance *Miragem*, escora o seu estilo em classes como os adjetivos. Adolfo Caminha, em *Bom-Crioulo*, faz uso da mesma classe de palavras, pois a obra do autor naturalista ultrapassa, assim como *Miragem*, a margem no gráfico. Não encontramos, no entanto, menções de Bosi (2013) ou de outros críticos a Caminha, o que pode indicar que o léxico não deva ser considerado isoladamente para as críticas recebidas pelo autor de *Miragem*.

Entretanto, ainda sobre a caracterização do uso de adjetivos na prosa de Coelho Neto, Murari (2011), já citada anteriormente, comenta sobre a crítica achar o descritivismo detalhista e extenuante do autor analisado. O que, para uns, pode ser considerado um problema estilístico, para outros assegura uma qualificação do enredo, dos personagens e da própria narrativa como um todo. Não se pode negar, contudo, que a crítica, a esse respeito, tenha razão ao mencionar o grande apreço que Coelho Neto tinha

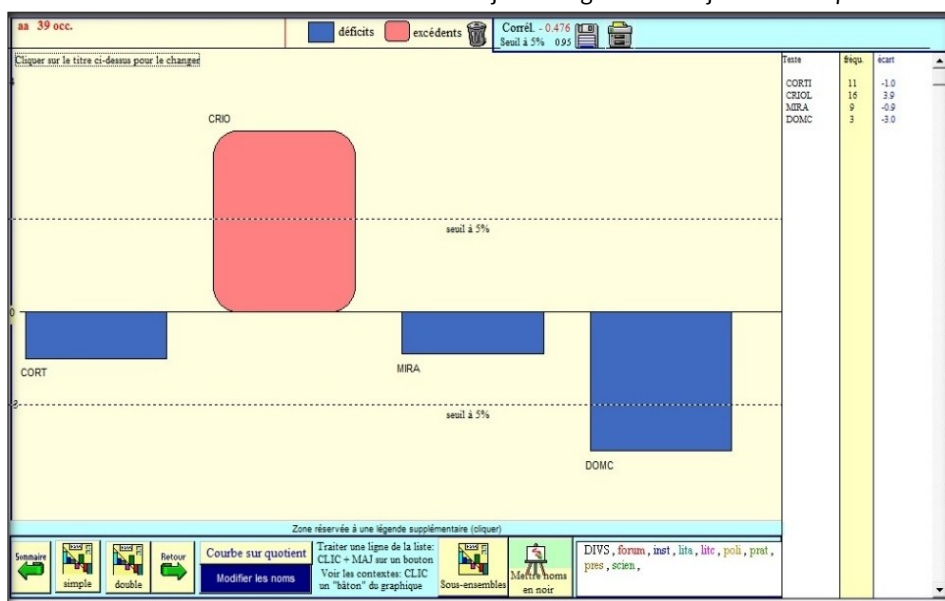
pelos adjetivos, como já apontava, também, Luís Murat, “faz uns folhetins aos sábados. Tem talento, mas abusa do adjetivo” (Lima, 1958, p. 34).

Tal característica pode ser comprovada no seguinte trecho de *Miragem*: “Luísa, sadia e graciosa, já púbere, de carnes exuberantes, colo rijo, lindas cores, amadurecia agarrada à mãe, bordando letras em lençarias, fazendo panos de crochê ou correndo as terras de casa, descalça, os cabelos soltos, à cata de frutos silvestres” (Neto, 1958, p. 29). O que justifica, também, o “libidinoso da adjetivação” aferido por Moraes (1976, p. 149).

A respeito dessa classe gramatical, Lapa (1991) diz que há muitas formas de um bom escritor se revelar e que, dentre elas, sobressai a de aplicar, com precisão, os adjetivos. E acrescenta afirmando que o adjetivo é o elemento fundamental da caracterização dos seres. Tais afirmações ficam evidentes quando lemos a prosa de Coelho Neto. Se, por um lado, ela pode parecer extenuante, como afirmam uns, é inegável, por outro, que a caracterização da narrativa permite que o leitor visualize mentalmente as qualidades do enredo propostas pelo escritor.

Interessante ver, contudo, como mostra o gráfico abaixo, que, quando o dado analisado é o adjetivo seguido de um outro adjetivo, *Miragem* não se destaca.

Gráfico 4 – dados de ocorrências de Adjetivo seguido de Adjetivo no corpus



Fonte: Hyperbase.

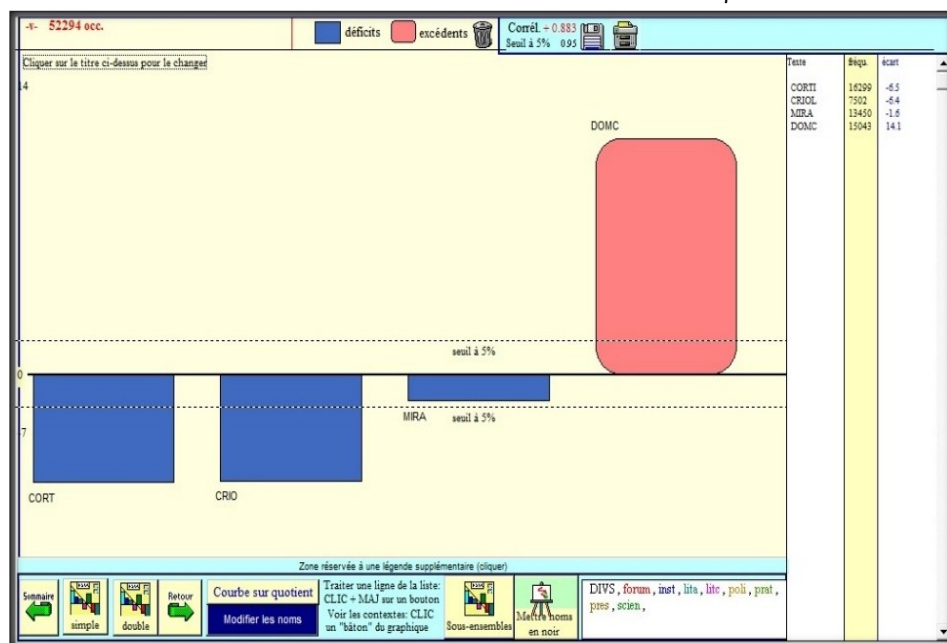
Quantitativamente, *Bom-Crioulo* apresenta 15 adjetivos seguidos de outros adjetivos, *O Cortiço* vem em segundo com 11, *Miragem* aparece em terceiro com 9 e *Dom Casmurro* em último lugar com apenas 3 seguimentos em que há um adjetivo seguido de outro, ou seja, a análise feita a partir do *Hyperbase* permitiu apontar caracterizações sobre o estilo de Coelho Neto em *Miragem* que a crítica, pelo que sabemos, não identificou.

Um outro interessante dado sobre o estilo de Coelho Neto diz respeito ao uso de verbos. Em sua tese, Martins (2014), comparando a obra de Coelho Neto com a de Machado de Assis, tenta verificar aquilo que a crítica, a respeito do estilo do autor de *Turbilhão*, chama de uma predileção pela “verborragia” ou “um verbalismo inatual”. A nossa análise, entretanto, verificou que *Dom Casmurro*, em muito, ultrapassa *Miragem*, quando o aspecto estilístico verificado é o uso de verbos.

O gráfico abaixo demonstra exatamente o que estamos falando, ou seja, que, quando a obra levada em consideração é *Miragem*, Coelho Neto não

se sobressai em relação ao romance de Machado de Assis quando o verbo é a classe pesquisada. O que não significa dizer que o autor de *Miragem* deixa de cultivar, também, um apreço pelo uso de verbos, como Bosi (2013) já havia observado a predileção do escritor por essa classe no referido romance, ou Moraes (1976, p. 149) quando o caracteriza de “malabarista do verbo”. Tal assertiva se comprova quando levamos em conta o desvio padrão, pois o romance de Coelho Neto, ainda que não seja o primeiro, fica em segundo lugar em relação aos outros textos do *corpus*.

Gráfico 5 – dados de ocorrências de Verbos no *corpus*



Fonte: Hyperbase.

Ainda sobre os verbos, um dado que nos gerou curiosidade quando da leitura do romance analisado diz respeito precisamente ao uso de verbos que, pelo menos hoje em dia, poderíamos chamar de incomuns. Chamou-nos a atenção, por exemplo, o uso do verbo **chalarar**<sup>11</sup> (que, para demonstrar ainda mais o seu domínio lexical e estilístico, Coelho Neto, às

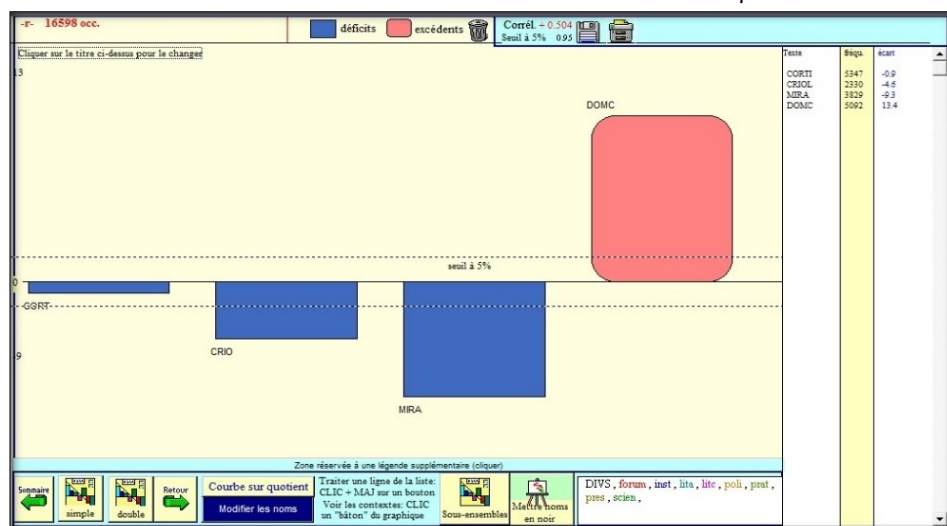
<sup>11</sup> Falar de forma à toa. Significa também falar alegremente, com voz estrídula, sozinho ou junto de outras pessoas, ou, ainda, saltar vozes pouco compreensíveis ou de maneira inarticuladas.



outros. Ao final, anotaram nada menos que duzentos e dezoito vocábulos (Netto, 1964 *apud* Martins, 2014, p. 31-32, grifo nosso).

Isso explicita a alcinha de ser o “mago da palavra” e o “amante da forma” (Lima, 1958). Com o intuito de analisar, agora sobre o uso de advérbios (gráfico 5), o que a crítica fala sobre o estilo de Coelho Neto, também verificamos, por meio do *Hyperbase*, como essa classe gramatical se comporta no *corpus* criado e quais são as obras que se destacam quanto ao seu uso. Assim, obtivemos o seguinte gráfico:

Gráfico 7 – dados de ocorrências de Advérbios no *corpus*



Fonte: Hyperbase.

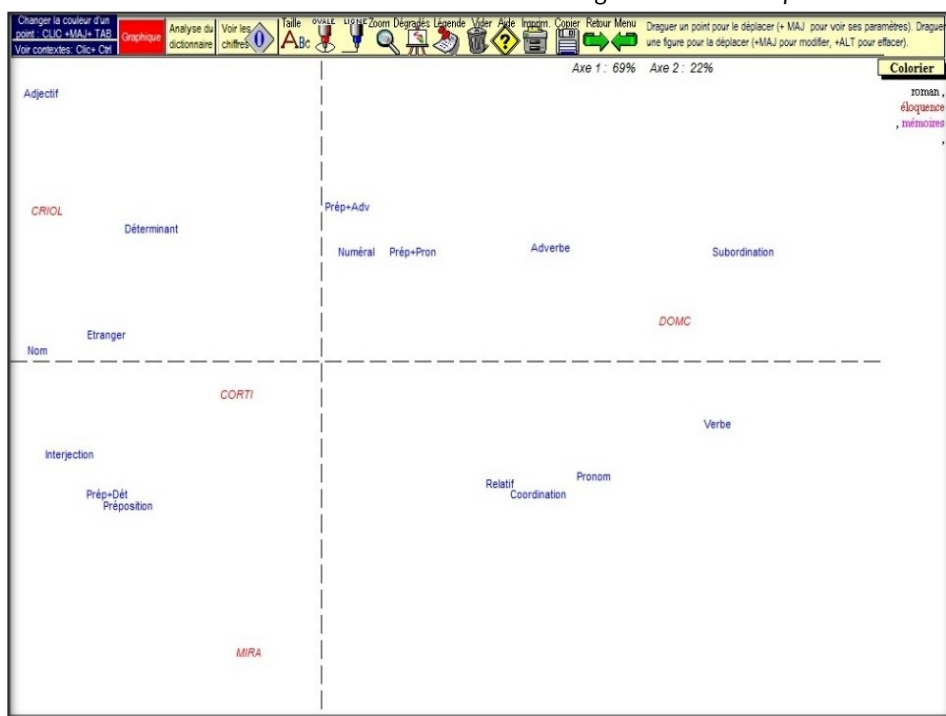
Os dados obtidos, se levarmos em conta os romances em análise, revelam que não é exatamente Coelho Neto quem faz uso em demasia de advérbios, mas, antes, Machado de Assis, pois *Dom Casmurro* se sobressai quanto à classe gramatical examinada, seguida de *O Cortiço* e *Bom-Crioulo*, respectivamente de Azevedo e Caminha. O que é esperado, tendo em vista o dado sobre a quantidade de verbos, mas que, de certa maneira, se coloca em sentido oposto ao que afirma Bosi (2013) – possivelmente sem recorrer ao tipo de levantamento estilométrico aqui realizado – ao dizer que Coelho Neto, em *Miragem*, continua o “velho estilo” de José de

Alencar, escorando-se em classes como o advérbio, classe existente, de fato, na referida obra, mas não de forma exagerada, se comparada àqueles romances realista-naturalistas.

De modo muito semelhante, mas levando em conta outras obras de Coelho Neto, são os dados expostos por Martins (2014), quando, também por meio de análises estatísticas, e conforme as coordenadas da recepção crítica do autor, afirma que a obra coelhonetiana não se caracteriza pelo uso excessivo de advérbios. Desse modo, nossa pesquisa, em acordo com a de Martins (2014), reitera que o estilo de Coelho Neto, em *Miragem*, não pode ser assim classificado, ao menos não generalizado com tal aspecto, como tem sugerido as enunciações da crítica brasileira.

A mesma característica fica mais evidente ainda quando pedimos à ferramenta digital que, por meio de uma análise fatorial, mostre as classes gramaticais que mais ocorrem nos romances que formam o *corpus*. Assim, obtivemos este resultado:

**Gráfico 8 – dados de ocorrências de classes gramaticais no corpus**



Fonte: Hyperbase.

A análise nos revela que *Dom Casmurro*, como já mostrado no gráfico anterior, apresenta predominância de advérbios, bem como de subordinação, numerais, preposições seguidas de pronomes e preposições seguidas de advérbios. Enquanto tanto em *Miragem* quanto em *O Cortiço* há mais preposições, interjeições e preposições seguidas de determinantes. E *Bom-Crioulo*, por sua vez, mais próximo de nomes, de adjetivos e de determinantes.

Contudo, também como já aponta Martins (2014) em sua pesquisa, se levarmos em conta as palavras terminadas em *-mente*, o romance de Coelho Neto se destaca, talvez seja por isso que a crítica possa ter aferido a ele tal caracterização. Sobre as palavras terminadas em *-mente*, temos a seguinte tabela:

Tabela 3 – palavras terminadas em -mente no *corpus*

CORT	CRIO	MIRA	DOMC
302 palavras	269 palavras	406 palavras	359 palavras

Fonte: os autores e Hyperbase.

Assim, se é verdade que *Miragem* não se destaca pelo uso de advérbios, que nem sempre terminam em -mente, o mesmo não pode ser dito se levarmos em conta palavras como *carinhosamente*, *constantemente*, *docemente*, *estrondosamente* e *lentamente*, que, dentre as obras que compõem o *corpus*, abundam no estilo de Coelho Neto em *Miragem*.

Mauro Rosso (2010) comenta que Coelho Neto pertence a um período em que autores davam ao seu estilo a primazia de uma linguagem puramente “ornamental”, que estava em desacordo com o universalismo literário pré-moderno e caracterizava escritores como Coelho Neto e Afrânio Peixoto de “desprovidos de visão crítica do real”, pois neles havia uma “preocupação em demasia” pela Forma (Rosso, 2010, p. 19).

Essa época literária é caracterizada da seguinte maneira:

Era um período dominado por duas vogas literárias; de um lado, o Parnasianismo, inócuo, oco e ressonante, de outro, a linguagem empolada, o “clássico” calcado em expressões – ambas uma literatura impregnada de vocábulos garimpados do virtuosismo linguístico e verborrágico, expressão da frivolidade dominante (Rosso, 2010, p. 19).

Foram essas as experiências da *Belle Époque* carioca deixadas pela influência da cultura francesa na literatura brasileira. Coelho Neto beberia muito dessas fontes. Mas, ao se apropriar de um modelo de literatura cosmopolita, o escritor, seja no plano da forma ou no plano do conteúdo, não deixava de tratar dos temas locais e nacionais, das questões servil, religiosa e militar, isto é, dos problemas do seu tempo.

A respeito do conteúdo subjacente à forma, Broca (1981, p. 197) comenta:

O predomínio da forma sobre o fundo: as palavras não correspondendo exatamente às ideias, a embriaguez vocabular impedindo o escritor de viver perfeitamente os assuntos. É a tal “complicação sem complexidade”, de Veríssimo, ou o “literatiza tudo em que toca”, de Tristão de Athayde. Vai nessas frases um julgamento sumário e exagerado. [...]. E se é “literatizar um assunto” tratá-lo como no *Turbilhão* e em *Miragem*, diremos como André Gide ante um romance de Thornton Wilder: “Literatura, sim, de muito boa qualidade”. Para justificar minha contestação teria de fazer inúmeras citações; creio que basta reproduzir apenas uma frase de Lúcia Miguel Pereira, que, considerando definitivo o julgamento de Veríssimo, ressalta: “E as personagens, não só deste livro [*O Morto*], como de *Miragem*, falam e agem *com naturalidade*”. Por que deixa ela de acrescentar no caso o *Turbilhão* é coisa que não posso compreender.

Quem lê os romances citadinos de Coelho Neto percebe, na verdade, um olhar crítico e elevado sobre o Rio de Janeiro da primeira república, uma crítica à burguesia urbana carioca republicana, aos problemas urbanos, materiais, morais, sociais e político-culturais vividos pelo homem comum da sociedade carioca e brasileira.

Contudo, esse tipo de literatura, de estilo e de linguagem, isto é, forma e conteúdo eram, para alguns críticos, “mais superficiais e mesmo descartáveis”, “adequados ao gosto do consumidor pequeno-burguês formado pela República” (Rosso, 2010, p. 27). E, às vezes, na falta de análises mais profundas sobre a sua literatura, boa parte dos críticos comungam com as seguintes ideias de Rosso (2010, p. 26):

Na verdade, ninguém como Coelho Neto encarnou “mais dramaticamente” o problema da forma. Romântico por inclinação e formação natural, realista em algumas obras, simbolista em outras, sobretudo parnasiano na essência da maioria de seus escritos, a Coelho Neto, na verdade, nunca faltou capacidade criadora, mas ele próprio a relegou a segundo plano em sua obsessão da escrita de efeito, obsessão que o levou a procurar seguir todas as correntes

literárias das épocas em que viveu: somente no fim da vida rebelou-se contra a moda e os modismos – quando esses, com o Modernismo, significariam precisamente a reação contra “a idolatria pela forma”.

Sobre esse ecletismo estético de Coelho Neto, José Veríssimo (1977) considerou-o uma “insinceridade artística”, e concluiu seu prognóstico acerca do estilo coelhonetiano:

O estilo geral é o da crônica, ou do nosso antigo folhetim, luso-brasileiro, remodelado pela influência daquela espécie francesa. E nesse gênero, pelos seus dons de imaginação, de língua, de espírito, e de alta fantasia o Sr. Coelho Neto é um dos melhores escritores de nossa língua (Veríssimo, 1977, p. 123 *apud* Venturelli, 2009, p. 48).

Dada a indefinição do seu estilo, o perfil de escrita de Coelho Neto apresenta, para Bosi (2013, p. 210), “uma prosa compósita, misto de documento e ornamento, aquém do Naturalismo na medida em que se perdia em veleidades fantasistas, mas igualmente incapaz de se fixar no Simbolismo pela ciência de uma imaginação realmente criadora”. Entretanto, o “leitor culto médio da Primeira República” tinha apreço por suas três qualidades essenciais: curiosidade, memória e sensualidade verbal (Bosi, 2013). Ao lado de Rui Barbosa e Euclides da Cunha, destacou-se no período que antecede a Semana de Arte Moderna: “Coelho Neto sobressai como a grande presença literária entre o crepúsculo do Naturalismo e a Semana de 22. Só Rui Barbosa, na oratória política, e Euclides, no chamado à consciência da terra e do homem, ocupam lugar tão relevante na cultura pré-modernista” (Bosi, 2013, p. 211).

Sobre a composição dos romances urbanos coelhonetianos, Bosi (2013, p. 212) resume o roteiro narrativo do autor deste modo:

A inquieta curiosidade, apoiada em uma memória invulgar, foi o pressuposto psicológico do ‘realismo’ exaustivo do prosador; já ao seu evidente parnasianismo serviu o gosto sensual da palavra. Documento e ornamento levados às

últimas consequências. Perseguir o roteiro narrativo de Coelho Neto é ilustrar essas afirmações.

Após a primeira experiência, com *A Capital Federal*, de 1893, Coelho Neto escreve e publica *Miragem*, em 1895, um romance agradável e sóbrio pelos meios utilizados. Os recursos estilísticos, aqueles buscados na análise estilométrica, serão, conforme Bosi (2013), seguidos por Coelho Neto até o advento da revolução modernista.

Quanto ao plano do conteúdo, “há um notável alargamento temático (e, portanto, léxico), sem, porém, qualquer transformação ideológica radical”. Na verdade, em *Miragem* existe “uma cor romântica acentuada, que só reaparecerá, em nível aliás superior, em *Turbilhão*” (Bosi, 2013, p. 213).

Vale lembrar que Veríssimo reprova e condena *Miragem*, atitude não tomada por Bosi (2013), que, a partir do ar romântico e de outros aspectos da obra coelhonetiana, comunga com as ideias de Broca (1981, p. 186), quando este pondera: “Coelho Neto escreve o romance até hoje tido pelos espíritos menos inclinados a valorizar-lhe a obra como uma realização aceitável: *Miragem*”. Acerca dessa obra pesa a seguinte acusação: a diegese da trama, para alguns críticos, era falsa.

A esse respeito, Broca (1981, p. 186) faz o seguinte comentário:

Coelho Neto foi acusado, na época, de não conhecer o ambiente provinciano de Vassouras, em que localizou parte da ação, e ter inventado os tipos. A acusação pesava muito naquele tempo, em que estávamos no apogeu do Naturalismo. Inventar, então, era o pior delito que podia praticar um romancista. Hoje ninguém se lembra de acusar um Lúcio Cardoso, um Cornélio Pena e mesmo um Octavio de Faria de haver inventado seus personagens. Mas a *Miragem* reflete impressões reais. Coelho Neto no-lo firma na aludida confiança, e a verdade dos tipos não nos deixa dúvida a respeito. De Vassouras, publicou ele, aliás, umas notas de viagem, no livro *Por Montes e Vales* (1899).

Ainda que os tipos humanos de *Miragem* sejam, de fato, reais, Coelho Neto não incidiu no Realismo puro e propriamente dito, tão pouco procurou fazer “fisiologia”, como prescrevem os Naturalistas (Broca, 1981). Além disso, são os “resquícios românticos” que dão a esse livro, acima de tudo, um particular encanto, sobressaindo o caráter documentalista (de descrever “flagrantes” da Proclamação da República) do escritor:

*Miragem* é um romance realista, esbatido num fundo vagamente romântico, de contornos poéticos. Com realismo é fixado o drama de Tadeu, incompreendido pela mãe e a irmã, e obrigado a abandonar estas para ir lutar pela vida na Corte. Essencialmente realistas as cenas de quartel e os flagrantes da manhã do 15 de Novembro (Broca, 1981, p. 187).

Coelho Neto escreveu seus romances urbanos no apogeu do realismo-naturalismo, incluindo *Miragem*, de 1895, mesmo ano de publicação do romance *Bom-Crioulo*, de Adolfo Caminha, o escritor, entretanto, não aderiu ortodoxamente aos preceitos de nenhuma escola literária, talvez seja por isso, pela falta de unidade de uma doutrina estética, que a crítica literária negativa ainda pesa tanto sobre o seu estilo e a sua obra.

### Considerações finais

Buscamos a estatística textual computadorizada, isto é, a estilometria literária, não para dar o veredito final sobre uma obra, um estilo, um autor ou uma época literária, mas para lançar luz nova sobre as enunciações dos estudos da crítica e/ou da teoria. Não se trata de uma nova crítica. Não se trata de uma nova teoria. Trata-se de novos meios metodológicos para ler e analisar obras literárias em suportes digitais.

Ainda que tenhamos o auxílio das ferramentas estatísticas computadorizadas, como o *Hyperbase*, nosso trabalho de pesquisadores analistas é de fundamental importância, a pesquisa só acontece a partir de inferências linguísticas e extralinguísticas que fazemos no *corpus*, de um

esforço mental do leitor, de modo a refutar, confirmar, reafirmar ou ampliar as “certezas” dos estudos literários qualitativos e tradicionais, até então, pré-estabelecidos. De um ou de outro modo, acreditamos que estamos expandindo os horizontes dos estudos literários em meio digital.

Este artigo, portanto, confirmou a riqueza lexical e a diversidade do vocabulário de Coelho Neto na obra *Miragem*. Entretanto, quanto ao uso exagerado de verbos, adjetivos e advérbios, percebemos que escritores como Aluísio Azevedo, em *O Cortiço*, Adolfo Caminha, em *Bom-Crioulo*, e Machado de Assis, em *Dom Casmurro*, para citarmos apenas esses três exemplos, apresentam características estilísticas similares ao autor de *Miragem*, mas a crítica literária brasileira não afere a esses escritores canonizados no realismo-naturalismo tais aspectos, o que foge à lógica da nossa compreensão, principalmente quando tais críticas são sobrepostas ao estilo e à obra de Coelho Neto de forma negativa e depreciativa.

Ler Coelho Neto, certamente, não é uma tarefa “fácil”. De acordo com Octavio de Faria (1963, p. 11):

E não é, sobretudo, para a nossa comum e moderna ignorância de língua portuguesa. Dono de um prodigioso vocabulário – calculado em mais de vinte mil palavras – sabendo manejá-lo e manejando-o com plena convicção do acerto com que o fazia, não podia deixar de se tornar “difícil” de entender, às vezes mesmo misterioso para a ignorância de muitos.

Várias acusações foram formuladas e exploradas sobre o autor: “Um empolado? Um gongórico? Um cego apologista do culto do estilo pelo estilo? Um escravo da forma?” (Faria, 1963, p. 11). Os críticos fizeram dessas condenações um cavalo de batalha por vezes leviano. Só o tempo e o bom senso de críticos justos conseguiram dissipá-las para que, por fim, outras questões sobre o estilo de Coelho Neto aparecessem: “É que, nesse estilo, ao longo de uma obra cuja publicação estira por mais de quarenta anos, verifica-se uma verdadeira *ascese* literária que não é

possível deixar de reconhecer ou não levar em consideração fundamental” (Faria, 1963, p. 11).

Portanto, devemos ler e compreender Coelho Neto sem os anátemas de alguns críticos que, ao lerem a sua obra, não se despojando de certos preconceitos, preferiram, na impossibilidade de compreendê-lo, ignorá-lo:

[...] de quem é a culpa se não nossa que tão mal conhecemos o que é nosso – essa língua que tão bem devíamos “possuir” porque a recebemos como herança sagrada e a deixamos ficar, quase abandonada, quase esquecida, quase como alguma coisa que não fosse o legado supremo dos Camões e dos Vieira? E, para remediar um pouco esse erro, essa culpa, essa fuga, que solução melhor do que volver um pouco os olhos para o que Coelho Neto escreveu e lê-lo, realmente lê-lo, sem o preconceito dos que preferiram renegá-lo ou a má fé dos que, não podendo compreendê-lo, resolveram ignorá-lo? (Faria, 1963, p. 13).

É desse modo, e em analogia à ideia de Faria, que Broca (1981) nos dá, também, a coordenada de julgar a obra de Coelho Neto conforme as proporções da literatura brasileira:

Livros como *Miragem*, *Turbilhão*, *O Morto*, *Inverno em Flor* não podem ser desprezados no quadro de uma ficção em que figura um Taunay, um Franklin Távora e mesmo um Graça Aranha. Sim, faltou à obra romanesca de Coelho Neto unidade, sentido, direção; muito menos poderemos filiá-la à infraestrutura de uma concepção da vida. É um caso típico de Arte pela Arte, o que não quer dizer que de romances como os que acabamos de salientar não venha a ressonância de uma voz humana. Truncou-se, sem dúvida, o destino de escritor; [...]; conservando o fundo romântico, conseguiu, entretanto, algumas adaptações felizes ao Realismo, e por aí devemos julgá-lo e situá-lo na literatura brasileira (Broca, 1981, p. 198).

Assim, estamos seguindo essas coordenadas, refletindo, a partir de um ponto de vista mais crítico e holístico, baseados não somente em estudos estilométricos, mas também em estudos mais tradicionais, sobre a produção literária de Coelho Neto.

## AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi desenvolvido no contexto das atividades relacionadas à Biblioteca Digital da Literatura Maranhense, a partir do projeto *Acervo da Academia Caxiense de Letras: preservação, digitalização e divulgação* e do projeto *Portal Maranhão: primeira fase*, financiados pela FAPEMA, PIBIC-UEMA-FAPEMA e PIBTI-UEMA, que tiveram como um de seus idealizadores o Prof. Dr. Emanuel Cesar Pires de Assis. Contou, também, com o apoio da Bolsa de Desenvolvimento Tecnológico Industrial do CNPq – Nível C (2024 - 2025), como parte do projeto *Estratégias computacionais para leitura, ensino e aprendizagem em ambientes virtuais na área de Letras* (2022 - atual), sob a coordenação do Prof. Dr. Roberlei Alves Bertucci.

## REFERÊNCIAS

AMORA, Antonio Soares. *História da literatura brasileira (séculos XVI-XX)*. 4.ed. São Paulo: Saraiva, 1963.

BEZERRA, Eliezer. *Coelho Neto e a onda modernista*. São Paulo: Ítalo-Latino-Americana PALMA, 1982.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2013.

BROCA, Brito. *Ensaio da Mão Canhestra: Cervantes, Goethe, Dostoievski, Alencar, Coelho Neto, Pompéia*. São Paulo: Polis, Brasília: INL, 1981.

BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, Academia Brasileira de Letras, 2005.

BRUNET, Étienne. Nouveau traitement des cooccurrences dans Hyperbase. *Corpus*, n. 11, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/corpus.2275>. Acesso em: 14 ago. 2025.

COELHO NETO, Paulo. *Coelho Netto*. Rio de Janeiro: Zelio Valverde, 1942.

CÚRCIO, Verônica. *Palavras de Rosa: análise estilométrica da obra de João Guimarães Rosa*. 2013. 145 f. Tese (Doutorado Teoria Literária) – UFSC, Florianópolis.

FARIA, Octavio de. *Coelho Neto: romance*. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1963.

FREITAS, Deise J. T. de. *A composição do estilo do contista Machado de Assis*. 2007. 211 f. Tese (Doutorado em Literatura) – UFSC, Florianópolis.

IGNÁCIO, Ewerton de Freitas; MENDES, Rafael Ferreira Campos. Entre dois *modus vivendi*: arcaísmo e modernidade em *Turbilhão*, de Coelho Neto. VIII Seminário de Iniciação Científica da UEG. In: *Anais VIII Seminário de Iniciação Científica da UEG*, Anápolis, GO, 2010. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/view/12618312/entre-dois-modus-vivendi-arcaismo-e-modernidade-em-prp-ueg>. Acesso em 13 de mar. 2023.

LAPA, Manuel Rodrigues. *Estilística da língua portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

LIMA, Herman. Coelho Neto: as duas faces de um espelho. In: NETO, Coelho. *Obra Seleta Vol. I: Romances*. Rido de Janeiro: Editora Aguilar LTDA, 1958.

MARTINS, Fracimary Macêdo. *Compilação, anotação e análise linguístico-computacional do corpus Coelho Neto, um corpus de textos literários dos sécs. XIX e XX*. 2014. 210 f. Tese (Doutorado em Linguística) – UFC, Fortaleza.

MAYDANA, Claudia Jane Duarte. *Decifrando os enigmas da modernidade em esfinge, de Coelho Neto*. 2010. 136 f. Dissertação (Mestrado em História da Literatura) – FURG, Rio Grande.

MORAES, Jomar. *Apontamentos de literatura maranhense*. São Luís: Edições SIOGE, 1976.

MURARI, Luciana. Sob o tênue véu da ficção: três eventos da história brasileira. *Navegações*, Porto Alegre, v. 4, n. 1, p. 26-39, jan./jun. 2011. Disponível em:  
<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/navegacoes/article/view/9435>> Acesso em: 31 ago. 2017.

NETO, Coelho Neto. *Miragem*. In: Neto, Coelho. *Obra Seleta Vol. I: Romances*. Rio de Janeiro: Editora Aguilar LTDA, 1958.

NETTO, Paulo Coelho. *Imagem de uma vida*. In: NETO, Coelho. *Obra Seleta Vol. I: Romances*. Rio de Janeiro: Editora Aguilar LTDA, 1958.

NISKIER, Arnaldo. Coelho Neto e a modernidade. *Artigos ABL/Jornal do Comércio*, 2010. Disponível em:<  
<http://www.academia.org.br/artigos/coelho-neto-e-modernidade>>. Acesso em: 30 out. 2017. Não paginado.

PAIVA, Diêgo Meireles de. *Um poeta particular: estudo estilométrico da poesia de H. Dobal*. 2013. 96 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Teresina: UFPI, 2013.

ROSSO, Mauro. *Lima Barreto versus Coelho Neto: um Fla-Flu literário*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.

VENTURELLI, Vanessa Kitizo. *“Fagulhas”*: uma coluna de crônicas de Coelho Neto na Gazeta de Notícias (1897-1899). 2009. 467 f. Dissertação (Mestrado em Letras na Área de Literatura e Vida Social), UNESP, São Paulo.

## NOTAS DE AUTORIA

**Daniel Lopes** (daniellopesuema@gmail.com): Mestre em Letras pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Especializando em Ensino de Língua Portuguesa pela Universidade Estadual do Maranhão - UEMA Campus Caxias-MA. Graduado em Letras pela Universidade Estadual do Maranhão - UEMA Campus Caxias-MA. Tem experiência na área de Letras e atua como professor de Língua Portuguesa.

**Emanoel Cesar Pires de Assis** (emanoel.uema@gmail.com): Possui graduação em Letras Licenciatura em Português/ Inglês e respectivas literaturas, pela Universidade Estadual do Maranhão - UEMA Campus Caxias (2008). Mestre em Letras - Estudos Literários - pela Universidade Federal do Piauí- UFPI. Doutorado em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Teoria Literária e Literatura em Meio Digital. Atualmente, interessa-se pelo estudo de narrativas digitais, literatura brasileira contemporânea, ferramentas digitais para o ensino/aprendizagem de literatura e Teoria Literária. Docente na Universidade Estadual do Maranhão - UEMA. Bolsista de produtividade em pesquisa da FAPEMA.

### Como citar este artigo de acordo com as normas da revista?

LOPES, Daniel; ASSIS, Emanoel Cesar Pires de. O estilo de Coelho Neto em *Miragem* e a crítica literária brasileira: uma verificação estilométrica. *Texto Digital*, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 248-283, 2025.

### Contribuição de autoria

Não se aplica.

### Financiamento

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq); Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA).

### Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

### Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica.

### Licença de uso

Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

### Histórico

Recebido em: 01/05/2025.

Aprovado em: 29/07/2025.